

Hospital real de Santo Antonio, no Porto

Quando el-rei D. Manuel mandou abrir a rua das Flores já existia n'aquelle sitio uma antiga albergaria chamada de *Roque Amador*. Era o melhor hospital que então havia no Porto, excedendo a todos na dotação e na regularidade do serviço.

Passado meio seculo depois que se projectára a nova rua, pela frente d'aquella albergaria, veiu estabelecer-se a seu lado o mais pio de quantos estabelecimentos caridosos os homens tem creado. A confraria da misericordia, instituida no anno de 1499 na capella de Nossa Senhora da Encarnação, denominada vulgarmente da *Terra Solta*, na sé de Lisboa, por fr. Miguel de Contreiras, religioso trinitario, com approvação da rainha D. Leonor, viuva del-rei D. João II, e n'esse tempo regente do reino durante a ausencia del-rei D. Manuel, seu irmão, que tinha ido a Castella, foi, a mesma confraria, introduzida na cidade do Porto no anno de 1555, dando-se logo começo á fundação do seu rico templo.

Decorridos mais vinte e nove annos, fallecendo em Madrid D. Lopo de Almeida, portuense, deixou este fidalgo avultada quantia para se reconstruir e augmentar a albergaria de Roque Amador, e para lhe accrescentar os rendimentos, devendo receber depois o nome do testador.

Como não faltava dinheiro, concluiu-se a obra com brevidade, e o *hospital de D. Lopo* foi durante todo o seculo XVII e mais de metade do seculo XVIII, não só o primeiro hospital do Porto, mas tambem um modêlo de boa administração, para zelar a qual determinára o instituidor que viessem annualmente tomar-lhe contas dois irmãos das misericordias da cidade de Braga, e da villa, hoje cidade, de Guimarães.

Permaneceu por algum tempo este hospital com administração propria, até que foi annexado á santa casa da misericordia, que lhe ficava visinha. Não sabemos em que anno se verificou esta annexação.

Crescendo a cidade, e augmentando consideravelmente a sua população e a dos seus arrabaldes, o edificio do hospital de D. Lopo deixou de ter capacidade para accommodar os enfermos que affluiam cada vez em maior numero a pedir os soccorros da caridade. Por vezes se planeou a construcção de um novo edificio, mas todas as tentativas iam morrer de encontro ás difficuldades que lhe oppunham a escolha do terreno, e mais ainda a carencia de capitaes.

Porém todos estes obstaculos se venceram em 1769, mettendo hombros á empreza D. Antonio de Lencastre, que era provedor da misericordia, e a mesa que n'esse anno regia a irmandade.

Escolhido o sitio para a fundação do hospital na parte alta da cidade, por mais desafogado e saudavel, e por haver n'ella terrenos espaçosos livres de edificações, compraram-se pela quantia de 5:970$000 réis dois meios casaes chamados do *Robalo*, situados entre o *campo da Torre da Marca*, onde agora se acha o *palacio de cristal* e seus jardins, e o *campo da Cordoaria*, hoje denominado *campo dos Martyres da Liberdade*, e já n'aquelle tempo aformoseado com tres renques de arvores, plantadas em volta do mesmo campo em 1758.

Assim que se effeituou esta acquisição, enviou-se para Inglaterra a medida e planta do terreno, e encommendou-se ao architecto inglez Jonh Carr, então residente na cidade de York, o risco para o novo hospital.

Traçou aquelle distincto artista o edificio com tanta largueza e magnificencia, como se tratasse de desenhar um hospital geral para a cidade de Londres. E tão grande admiração causou o seu trabalho, que el-rei Jorge III quiz vêl-o, e ficou tão maravilhado da sua grandeza, como do animo elevado dos fundadores.

Chegada á cidade do Porto a planta do edificio, tão agradados ficaram d'ella D. Antonio de Lencastre e a mesa da confraria, que não attentaram ou não esmoreceram ante as enormes despezas que deveria necessariamente fazer tão vasta construcção. O architecto recebeu, pois, quinhentas libras esterlinas de gratificação, e no dia 15 de julho ne 1770 lançou-se a primeira pedra nos alicerces do novo hospital, com grande apparato e solemnidade.

Progrediram as obras com mais ou menos actividade até ao fim do seculo e primeiros annos do actual, parando pela invasão dos francezes. Depois receberam por vezes novo impulso, sendo o ultimo de moderna data, e devido ao sr. conselheiro Lopes Branco, que então exercia o cargo de provedor da misericordia, e á mesa da confraria.

Os accidentes do terreno obrigaram a fazer tão fundos alicerces e tão elevadas muralhas para base do edificio, que no anno de 1798 ainda as fachadas que hoje se vêem levantadas não passavam acima do envasamento.

Para se ajuizar da vastidão da obra projectada pelo architecto John Carr, vamos dar aos nossos leitores uma noticia succinta da planta geral do edificio.

Consta este de quatro fachadas exteriores, formando um grande quadrado. As frontarias principaes, voltadas para éste e oéste, devem ter de comprimento 172^{m},26; e as duas lateraes, para o norte e sul, 177^{m},54, sendo a circunferencia de todo o edificio 699^{m},60.

No centro do edificio fica um grande pateo, guarnecido por quatro fachadas, compostas de elegantes arcadas, que sustentam galerias tambem abertas em esbeltos arcos. Pelos lados de éste e oéste medirá este pateo 133^{m},55 de comprimento, e pelos lados do norte e sul 129^{m},50.

É destinado o meio do pateo para assento de uma egreja, com a fórma quadrangular no exterior, e circular no interior, tendo cada uma das quatro faces externas de comprimento 28^{m},85, e de altura até á cruz, remate do zimborio, 44^{m},45. Deverá ser ornado o templo com 32 columnas de 4^{m},80 de altura; de 4 estatuas de 4^{m} de altura, 3 portas, 24 janellas grandes e 48 menores, além das frestas no envasamento.

Todo o edificio do hospital deverá conter, em tres andares, 142 enfermarias, 159 salas e quartos, 56 escadas principaes, 28 estatuas de 4^{m}, 176 columnas, pela maior parte de 8^{m},80 de altura, e 100 pyramides. As portas, janellas e frestas contar-se-hiam por alguns milhares.

Á vista d'esta abreviada descripção ninguem dirá que exaggerámos quando acima dissemos que o architecto julgára traçar um edificio para servir de hospital geral á cidade de Londres. D'este absurdo, em que são egualmente culpados o artista que concebeu um plano tão descommunal, sem attenção á cidade onde devia ser executado, e o provedor e mesa da misericordia que o approvaram, sem considerarem na superfluidade de uma fabrica tão vasta e colossal, e na exiguidade dos meios de que dispunham para a levar a cabo; d'este duplo absurdo resultou que, passados noventa e quatro annos depois do começo da obra, e apesar de terem dispendido n'ella alguns centos de contos de reis, o que se acha concluido ainda não completa a quarta parte da planta geral do edificio.

E não ficou só n'isto o mal. Ainda ha a lamentar um damno maior, porque diz respeito á hygiene. Da falta de acabamento das obras tambem resultou ficar pantanoso o terreno destinado para o pateo. Esta circunstancia tem affectado tanto a salubridade do hospital, não obstante a situação elevada em que está edificado, que tem sido, e é, este assumpto objecto de várias representações dos facultativos, e de sérias meditações das pessoas a quem compete procurar remedio a similhante mal.

A fachada principal do edificio olha para éste, e guarnece um angulo do *campo dos Martyres da Liberdade* e a *rua do Paço*, até á *praça do Duque de Beja*, feita ultimamente.

Compôr-se-ha esta fachada de cinco corpos; o do centro e os dois das extremidades resaltantes, e os dois intermedios d'estes mais recolhidos.

O corpo central tem dois andares, e forma-lhe o centro um vestibulo composto de uma arcada no pavimento baixo, e ornado de columnas no pavimento alto, faltando-lhe para estar completo o frontão e vasos, ou estatuas, que o devem coroar. Este vestibulo resae das paredes lateraes do mesmo corpo, como se vê na gravura que juntâmos.

Os dois corpos que se seguem aos lados do central são mais recolhidos, e constam de dois pavimentos, o terreo, que é decorado com uma arcada guarnecida de balaustrada, que, saindo á frente dos corpos do edificio que resaltam para fóra, serve de varanda ao pavimento nobre. Compõe-se este de uma galeria de grandes janellas, que abrem sobre a dita varanda, tendo por coroa, sem mais andar, uma balaustrada, e no meio d'esta um frontão ornado de vasos. D'estes dois corpos está concluido o que fica ao sul do corpo central, e que se vê na gravura. Ao que se estende para a parte no norte, e foi edificado ha poucos annos, falta-lhe a arcada ou varanda.

O corpo da extremidade do sul d'esta fachada, que é o que mais avulta na gravura, consta a seu turno de tres corpos, os lateraes com dois pavimentos, e em cada um duas janellas, sendo guarnecido superiormente com balaustrada e vasos; e o do centro resaltando um pouco d'estes, e formando um magnifico vestibulo. No pavimento terreo abrem-se tres arcos; é a entrada principal do hospital. Sobre os arcos levantam-se quatro columnas de ordem dorica, com balaustres nos intervallos, junto ás bases, deixando desaffrontada a parede interior, onde estão rasgadas tres grandes janellas no andar nobre, e tres mais pequenas em um terceiro pavimento. Dois vasos e a estatua colossal de Hypocrates, servem de remate a este sumptuoso vestibulo. Sóbe-se para o vestibulo por uma escadaria de pedra, construida em um terreirinho plantado de arvores. É n'esta parte do edificio que se acham estabelecidas a eschola medico-cirurgica e a botica, que é excellente.

O corpo que deve corresponder a este na extremidade do norte, apenas tem feito o alicerce e envasamento.

A frontaria do hospital para o lado do sul cae sobre a *rua do Hospital*.

A nossa gravura mostra uma pequena parte d'esta fachada, que tem tres andares, e deve ser formada de tres grandes corpos, dos quaes só está acabado um dos lateraes, e apenas começado o central, que resalta um pouco para fóra.

Da frontaria do lado do norte, que deve correr pela *praça do Duque de Beja*, unicamente está principiado o alicerce no angulo junto á frente principal. Da frente de oéste, que deveria deitar para a *rua da Liberdade*, nada está começado.

Contém este hospital 19 enfermarias; uma especial para estudo dos alumnos da eschola medico-cirurgica; outra para pessoas particulares; 5 para homens, intituladas: *Senhor dos Afflictos*, *S. João Baptista*, *Santo Antonio*, *S. Pedro*, e *S. José*; e 12 para mulheres, com as seguintes invocações: *Nossa Senhora da*

Saude, Nossa Senhora da Conceição, S. Braz, Nossa Senhora do Rozario, Nossa Senhora da Piedade, S. João de Deus, Senhor Jesus de Mattosinhos, Santo Antonio, Santa Catharina, Nossa Senhora do Pranto, S. Luiz, e ainda outra para partos.

Presentemente anda-se construindo uma enfermaria para alienados. Um bemfeitor deu para esta obra sete contos de réis.

O movimento do hospital no anno economico de 1863 a 1864 foi de 5:449 enfermos entrados, de 486 fallecidos, e de 4:928 que saíram curados.

Assistem aos doentes tres medicos e quatro cirurgiões, sendo dois d'estes internos. Para a administração dos soccorros espirituaes ha dois capellães que residem no hospital. Os mais empregados do estabelecimento fazem o numero de 63.

A despeza feita no referido anno foi 32:813$000 réis.

O hospital é administrado e custeado pela santa casa da misericordia, cuja receita foi no dito anno economico 55:816$552 réis, proveniente de rendas de propriedades, de foros, de juros de fundos publicos, nacionaes e brasileiros, de dividendos de acções de diversas companhias commerciaes e estabelecimentos monetarios, e de várias outras fontes. A misericordia tem a seu cargo, além d'aquelle, outros hospitaes menores, como são os dos lazaros, mudos, entrevados, velhas, etc., e recolhimentos de expostos e orphãs.

O hospital de Santo Antonio tem tido muitos bemfeitores que o tem contemplado em testamentos com importantes legados. Os principaes bemfeitores foram D. Lopo de Almeida, já mencionado, João Teixeira Guimarães e D. Antonia de Noronha Guedes Carvalho Leme Cernache. Para commemorar taes actos de caridade, mandou a confraria da misericordia modernamente esculpir em pedra os bustos d'estes tres bemfeitores, fazendo-os collocar entre as columnas que adornam o corpo central da fachada principal do edificio.

O logar, na verdade, não era bem escolhido, pois que os grandes pedestaes em que assentam os bustos obstruiam a varanda e prejudicavam a perspectiva do vestibulo. A actual mesa da confraria, reconhecendo este inconveniente, mandou transferir os bustos em agosto passado para a entrada do pateo, onde ao presente se acham.

Na sala da secretaria existem o retrato de D. Lopo de Almeida, e um busto de Joaquim José de Campos, bemfeitor fallecido ha pouco na cidade do Porto.

O hospital real de Santo Antonio tem tido ultimamente bastantes melhoramentos, sendo um dos mais modernos o estabelecimento de uma lavanderia por meio do vapor, como a que tem o hospital de S. José em Lisboa; e será o mais importante de todos a nova enfermaria de alienados, logo que estiver concluida.

Por occasião da abertura da exposição internacional, e da visita de suas magestades e altezas á cidade do Porto, fizeram-se no edificio do hospital, sobre tudo na fachada principal, várias obras de reparação e aformoseamento.

No terreno destinado para pateo geral do edificio tem a eschola medico-cirurgica um horto botanico.

Acerca da origem da invocação d'este hospital, conta-se que, tratando os fundadores da escolha do santo a quem havia de ser dedicado, resolveram entregar a decisão á sorte; e que, levada a effeito esta lembrança, por tres vezes consecutivas saíu da urna o nome de Santo Antonio. Era o nome do provedor e principal iniciador d'esta fundação, que se chamava, como atraz fica dito, D. Antonio de Lencastre.

Ao favor do sr. Cherubim Lagoa, cartorario da misericordia do Porto, devemos uma boa parte dos esclarecimentos conteudos n'este artigo.

A nossa gravura é cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra. I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

AEROLITHOS

I

Minha senhora — De noite, quando acertâmos de contemplar a abobada celeste recamada de milhões de astros que scintillam na amplidão, vemos umas estrellas luminosas e brilhantes que surgem de repente, sulcam o firmamento com immensa velocidade, e desapparecem, em fim, sem deixarem vestigios.

Quantas vezes não terá v. exc. contemplado estas apparições fugazes e instantaneas, e não terá perguntado a si mesma a origem e a causa d'ellas? Quantas vezes, seguindo com os olhos impacientes aquelle sulco esplendido que vae sumir-se nas sombras do infinito, não se embrenhará v. exc. em profundo scismar, e, tentando alevantar a ponta do véo que encobre o mysterio, não dará largas á imaginação pelo mundo das hypotheses e da poesia?

O que serão esses rastos luminosos? Serão almas afflictas e angustiadas, que vem matar saudades da terra em que viveram? Serão espiritos luminosos? O que são? A poesia e a superstição fizeram aqui abundante colheita, aqui, onde a sciencia pouco sabe ainda, aqui, onde a ignorancia é quasi completa.

Bom é, porém, dizer o pouco que se conhece, e se v. exc., poetisa de alma, quizer proseguir no seu poetar, vasto campo se lhe depara agora, cheio de esplendores e mysterios. A immensidade ahi está, com todas as suas maravilhas, e o positivismo da sciencia pouco póde embaraçar os devaneios de uma imaginação exaltada.

II

É difficil classificar as pedras meteoricas, já periodicas, já sporadicas, que todas as noites, em maior ou menor numero, sulcam a atmosphera. Seguindo as idéas dos philosophos gregos, o nome generico d'estes meteoros seria — *aerolithos*.

Com effeito, Plutarcho, na vida de Lysandro, diz: «Julgam alguns philosophos que as estrellas cadentes não provém das particulas destacadas do ether, que viriam extinguir-se no ar, tanto que se inflammassem; tambem não nascem da combustão do ar, que se dissolve, em grande quantidade, nas regiões superiores; antes são corpos celestes *que caem*, isto é, que escapando-se de um certo modo á força de rotação geral, precipitam-se depois irregularmente, não só nas regiões habitadas, mas tambem no grande mar, e d'ahi vem que nunca mais são encontradas. [1]»

Dando, pois, o nome de aerolithos a todos estes meteoros congeneres, pódem elles divivir-se em: *bolides, estrellas cadentes* e *corpusculos cosmicos*.

Bolides são globos de fogo, que umas vezes cáem inteiros na terra, outras vezes se dividem no ar em muitos fragmentos, produzindo grande detonação, e formando uma nuvem ignea. As estrellas cadentes só differem dos bolides em terem um diametro muito pequeno. São pontos luminosos e incandescentes, que todas as noites cruzam a atmosphera. Chamam-se, em fim, corpusculos cosmicos todos os aerolithos forma-

[1] *Cosmos*, pag. 150. Segundo Humboldt, parece que Anaxagoras explicava, por um movimento giratorio do ether ambiente, a quéda do leão de Neméa, o qual, como reza a lenda, caíra da lua no Peloponeso. O leão de Neméa foi o precursor do celebre aerolitho da Jamaica, que, ha tres annos, fez andar a cabeça á roda a muita gente que se tem em conta de illustrada. O audaz mentiroso que levantou aquelle dislate dizia que na Jamaica tinha caido um aerolitho com uns restos organisados, os quaes demonstravam que houvera lá antigos habitantes com *duas cabeças*, sendo uma séde da sensibilidade, e a outra da vontade. Quando o habitante aerolithico quizesse sentir, voltava para cima a cabeça da sensibilidade, e se mais lhe appetecesse praticar um acto filho da vontade, era a outra cabeça que gozava do privilegio de se voltar *ad sidera*.

O absurdo era patente, e comtudo... *stultorum infinitus est numerus.*

dos de materia pulverulenta, e de consistencia mui fraca. Estes corpusculos como que formam umas nuvens fluctuantes no espaço, e, na opinião de alguns sabios, o ether-planetario não é senão uma poeira cosmica e ponderavel.

Taes são, minha senhora, as tres grandes divisões dos aerolithos. Não é esta a classificação rigorosa; mas pouco nos importam rigores escusados, quando a nossa ignorancia é tão profunda. E não julgue v. exc. que esta ignorancia provém do pouco numero das observações meteoricas. Como disse, Plutarcho falla dos aerolithos, e Diogenes de Apollonia cita uma estrella de pedra ardente que caíu nas cercanias de Ægos Potamos, por occasião do nascimento de Socrates. Resa a Sagrada Escriptura de uma chuva de pedras que destruiu os inimigos do povo judaico, em Bethoron. Na Galacia era Cybeles adorada em fórma de uma pedra caída do ceo, e em Emesa, na Syria, egual culto era votado ao sol. Os romanos tinham em particular veneração o Ancilio, ou o sacro broquel que caíu dos ceos no reinado de Numa. Ainda hoje serve de admiração a pedra negra da Meca, e o celebre gladio de Antar foi feito com uma pedra negra e brilhante, arrojada por um raio.

Mas não dêmos grande credito a estas tradições maravilhosas, porque, como v. exc. sabe, nas edades primitivas, os homens desconheciam o uso dos metaes, e empregavam as pedras em todos os seus instrumentos [1]. Era mui natural que aos que mais se avantajavam, dessem os mais rudes as honras de communicarem com o ceo.

Na edade média, porém, e em tempos mais modernos, os aerolithos espalhavam o terror e o espanto nos animos supersticiosos, que viam n'aquelles meteoros as iras de Deus prestes a fulminar os homens com o seu olhar vingador.

Ao passo que a superstição abraçava a humanidade, e mal lhe permittia revolver-se no potro da ignorancia, ao qual o rebanho humano andava ligado pelo fanatismo, os homens superiores, scepticos por uma reacção necessaria e fatal, negavam a evidencia, e não acreditavam nas milagrosas chuvas de aerolithos.

Só em 1794 é que um physico allemão, Chladni, intentou demonstrar que caíam pedras do ceo, não como diziam as lendas populares, senão como a observação explicava.

Pois nem d'este modo se convenceram os principes da sciencia, e quando em 1803 caíu uma chuva de pedras na Normandia, foi necessario que Biot mostrasse *de visu* aos seus confrades da academia alguns aerolithos, e mesmo assim... nem todos largaram o velho scepticismo. Hoje é impossivel a dúvida; hoje que ninguem se aterra já ao contemplar as estrellas fugazes, essas lagrimas de fogo que se somem tão rapidamente; hoje riem-se todos da superstição popular, e do scepticismo da sciencia. São implacaveis as criticas da multidão, e assim como outr'ora sería apodado de ignorante por uns, e de hereje por outros, quem affirmasse ou negasse a existencias das *lagrimas de S. Lourenço*, assim tambem agora fôra acoimado de menos lido quem ousasse duvidar dos aerolithos. Bem certo é que ninguem foge ás idéas do seculo em que vive.

III

Fôra tentear o impossivel querer apresentar de um modo geral os caracteres e feições apparentes dos aerolithos, d'esses meteoros caprichosos, esphinges luminosas para as quaes a mecanica e a physica são por ora Édipos muito falliveis e enganosos.

Na gravura que acompanha esta carta póde v. exc. admirar um bolide esplendido, verdadeira maravilha celeste, que porventura algum amador de imagens extravagantes, poderá comparar ao *bouquet* final de um fogo de artificio queimado pelos anjos em honra de Jehovah. Foi avistado este bolide em Inglaterra, ha coisa de cinco ou seis annos. Sir J. Herschel, escrevendo ao sabio belga Quetelet, remata assim a sua carta:

«Os que viram o enorme globo de fogo atravessando o ceo com immensa velocidade, jámais esquecerão este meteoro admiravel. Vendo expandir-se por sobre as nossas cabeças aquelle rasto magnifico de luz, que, como um arco de oiro, cobria mais de metade da sombria abobada celeste, pensavamos naturalmente no espectaculo que os habitantes de Saturno devem contemplar avistando o annel que cinge o seu planeta. A cauda alargava-se muito junto ao extremo, e com ser mais transparente e compacta, eram os seus contornos menos delimitados.»

Será possivel calcular a velocidade dos bolides? Assim o demonstrou o sr. Heiss, director do observatorio de Munster.

Eram sete horas da tarde do dia 14 de março de 1863. Estava a atmosphera limpida e serena quando surgiu de repente no ceo um meteoro, similhante a uma estrella cadente; foi crescendo pouco a pouco até apresentar uma superficie apparente comparavel com a quarta parte da lua. O brilho do meteoro excedia o das estrellas visiveis. Depois de ter derramado em todo o horisonte vivissimo clarão, que era composto de todas as côres do prisma, o bolide sumiu-se com estrondo, deixando um grande sulco e espalhando faiscas chammeantes. Durou o phenomeno cinco minutos; a trajectoria era do norte ao sul, e inclinada obra de 22° sobre o horisonte, e o comprimento do trajecto, desde o ponto de inflammação até ao de explosão, situado a 26 kilometros acima do solo, orçava por 285 kilometros, o que dá uma volocidade de 63 kilometros por segundo.

Esta volocidade, superior á da terra na orbita, sendo combinada com a resistencia do ar, explica as circunstancias que acompanham o phenomeno.

«O calor dos meteorolithos, diz J. Herschel na sua *Astronomia*, quando caem no solo os phenomenos igneos que acompanham as apparições, a sua explosão quando penetram as camadas mais densas da atmosphera, tudo isto é facilmente explicado por meio das leis physicas, pela condensação do ar, em virtude da enorme velocidade do bolide, e pelas relações que existem entre o ar muito rarefeito e o calor.»

E, na verdade, mostra o calculo, a 18 kilometros de altura, em que a densidade do ar é dez vezes menor do que á superficie da terra, a pressão é tal, que póde quebrar uma pedra.

Acabarei este capitulo descrevendo um bolide que na noite de 14 de outubro foi observado pelo sr. Schmidt, director do observatorio de Athenas. O meteoro appareceu como uma estrella cadente, entre as constellações da Lebre e da Pomba. O seu esplendor offuscou logo o de Sirio, e a côr da luz era de um amarello pallido. O bolide atravessou Eridano, pelo occidente, esparzindo luz tão extraordinaria, que todas as estrellas se sumiram. Athenas, a campina e o mar, pareciam incendiados. Acropole e Parthenope, córados de um verde retinto, como que surgiam do ceo côr de oiro. O sr. Schmidt assestou então o telescopio, durantes muitos segundos, e viu dois bolides em vez de um. Ambos deixavam um nucleo luminoso, e arremessavam chispas coruscantes em redor. No momento da desapparição o meteoro tinha-se dividido em cinco fragmentos de um vermelho sombrio. O silencio era tumular, e nem o mais leve sopro de vento vinha agitar a atmosphera incendiada. Que espectaculo grandioso! Que decoração esplendida!

(Continua) A. Osorio de Vasconcellos.

[1] Ainda hoje se encontram machadinhas de pedra, com fórma de cunha, a que o povo chama *pedras de raio*. Não ha muitos annos encontrou o respeitavel sabio portuguez o sr. M. M. Franzini, em uma excavação em Cintra, uma d'estas pedras, que guardou como reliquia.

THERESINHA

(Conclusão. Vid. pag. 242)

— Que tens, Pedro? — perguntou o velho com espanto apenas o viu entrar n'aquelle estado de agitação febril.

— Nada, meu pae; nada, ou talvez muito. Tenho o que tem as viboras quando lhes roubam os filhos; tenho o desespero da dor! Quero fallar e não posso quero contar-lhe tudo e não atino com palavras; mas bem deve ler n'estes olhos o que eu sinto, mas bem deve comprehender o que eu padeço.

— Mas tu... tu estás louco, Pedro! Dize, dize o que te succedeu!...

O mancebo contemplou o pae por momentos; havia o que quer que fosse de sinistro n'aquelle olhar glacial e pasmado. Depois sentou-se tranquillamente ao pé d'elle, pegou-lhe na mão com brandura, e começou a dizer-lhe com um tom de voz suave, suave, mas que causava medo:

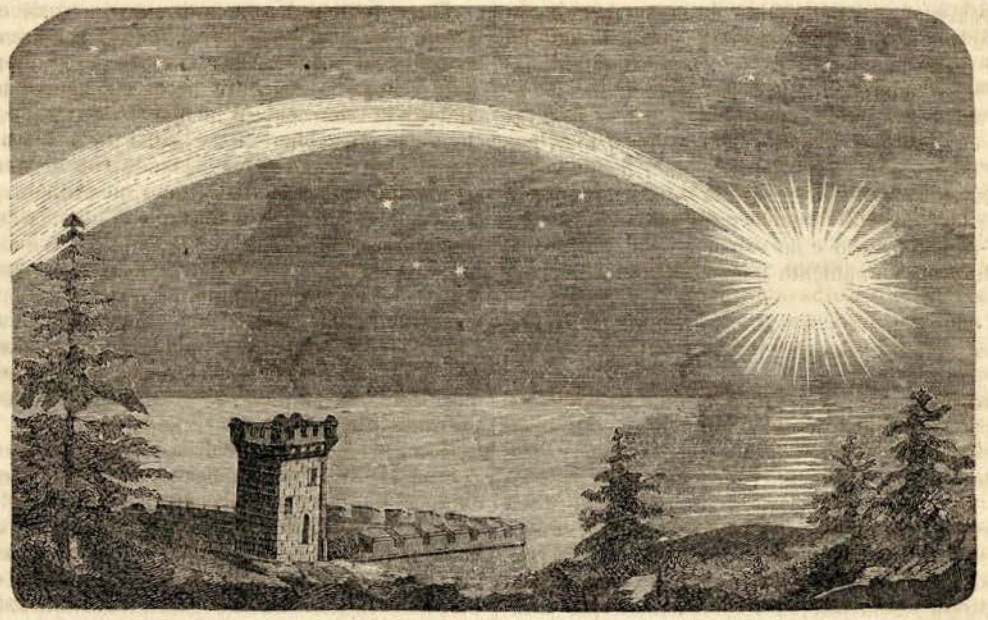
— Oiça, meu pae. Ha uma mulher que eu amo, e que me paga com egual affecto. Ella tem vinte e dois annos — uma criança; eu vinte e seis — um homem cheio de energia e de vontade. Hontem disse-me que a queriam separar de mim para a juntar a outro. Chorámos então muito, muito!... repare como estas faces ainda estão crestadas. E eu não posso deixal-a, porque preciso d'ella como da vida, e a minha vida é este amor. Esse outro homem ignora tudo; mas, se eu lh'o disser, deve estender-me a mão, deve dizer-me: «consola-te e espera»; deve-o, porque é meu pae.

— Pois tu, tu...

— Eu sou o amado de Theresinha, e venho pedir-lhe agora, aqui, de joelhos, por alma de minha mãe, que me não faça desgraçado.

— Oh! é impossivel!

— Impossivel?..: Pois uma idéa frivola, um simples



Bolide

desejo, ha de esmagar um sentimento irresistivel e ardente?... pois...

— Ha de, porque é meu esse desejo, e porque acima da loucura de um filho que ousa fazer-se adversario de seu pae ha a vontade d'este, que lhe diz: «não», e que o repulsa.

— Está então resolvido...

— A realisar o que penso. Acho até impropria esta scena; nem me passaria nunca pela idéa que te atrevesses...

— Perdão, meu pae!

Pedro levantou-se. O olhar quebrado e turvo contrastava-lhe horrivelmente com a vermelhidão das faces. Permaneceu por um momento inerte, absorto, immerso no abysmo enorme do desalento, n'essa triste contemplação do mal que lhe avultára subito. Por fim, arrancado ao torpor em que tinha caído, fitou os olhos no pae com um sorriso e partiu. O velho tornou á sua habitual impassibilidade.

Momentos depois Theresa recebia esta carta:

«Minha pobre Theresa: — Perdeu-se tudo; não tenhas mais esperança; esquece-te e sê feliz. Deus sabe o que eu soffro; tu tambem o has de saber, filha, porque medes a minha alma pela tua alma, a minha dor pela tua dor. Fallei agora a meu pae, contei-lhe tudo, pedi-lhe de joelhos que me não desgraçasse; indignou-me e repelliu-me de si. Que hei de fazer? Não sabes tu que nada posso?... Deveria sacrificar-te a esta paixão que me devora? fugir comtigo, partir... para onde?... Depois, o que seria de ti, anjo? o que seria de ti, minha Theresa? Não, não penses mais em similhante amor. Imagina que me viste em sonhos, que tudo é falso, tudo, até as lagrimas que chorámos! Eu vou partir. Quizera despedir-me de ti, dizer-te o ultimo adeus, pedir-te perdão do mal que involuntariamente te faço; mas não o póde nem o coração nem a consciencia. Adeus; faze por te esqueceres de mim, não chores, não te afflijas, não penses no que passou, não penses. Sabes tu o que me rala o coração?... é julgar que pódes ser desgraçada. Adeus. — *Pedro.*»

Quando a infeliz acabou de ler, os olhos enturvaram-se-lhe de subito, vacillou como ébria, encostou-se trémulamente a uma cadeira, os braços caíram-lhe inertes, inclinou a fronte sem accôrdo, até dar no chão como fulminada.

Meia hora depois começava a dar signaes de vida.

Tinham-n'a levado para o leito; a mãe velava á cabeceira, ministrando-lhe de vez em quando algumas colhéres de certa poção antispasmodica, que o medico lhe receitára.

Dois dias depois ainda estava tresvariada.

Nos seus delirios chamava em alta voz por Pedro, accusava a mãe, amaldiçoava o sr. Calveiros, bracejava como quem queria arredar de si alguma coisa, estorcia-se em convulsões violentas, até que, prostrada, caía em modorra.

O mal durou um mez; e no fim d'elle Theresa entrava em convalescença.

Em quanto isto havia succedido, Pedro tinha partido de casa. Deixára uma carta a seu pae, em que lhe dizia que embarcava para a America. Houve alguem que viu o velho enxugar então uma lagrima, mas o que ainda está em dúvida é se ella foi de alegria ou de saudade.

Oh! o coração da mulher! Como eu tinha vontade de fazer uma larga dissertação physiologica sobre este musculo singularissimo!... O coração da mulher... Que insondavel profundeza de mysterios! que ceo e que inferno!

Descobri a gravitação planetaria; inventae a polvora, estudae o fabrico das velas de parafina, fazei os phosphoros amorphos, rompei o isthmo de Suez, dirigi os aerostatos, apresentae o elixir de longa vida; muito bem. Dar-vos-hemos uma carta de conselho ou um diploma de academico. Sois benemeritos da humanidade. Mas comprehendei o coração da mulher, sondae-lhe todos os parceis, mostrae-nos todos os sorvedouros, explicae-nos todas as tempestades, dizei-nos por que hoje brame implacavel quando hontem suspirava languidamente; impossivel! O espirito humano vacilla á beira d'esta voragem profunda; aqui é o limite da comprehensão e do calculo. Lembram-nos os versos do poeta na opulenta imagem do Oceano:

Man marks the earth with ruin — his control
Stops with the shore!

O caso, tirado agora a limpo, e dito sem refolhos de estilo, é que Theresa, seis mezes depois dos acontecimentos relatados ha pouco, desposava o sr. Manuel Garrido dos Calveiros, com todas as manifestações de uma alegria completa.

Correram cinco annos; a ventura domestica brilhava em toda a sua pureza; o anno de noivos, ou, para melhor dizer, a *lua de mel*, ainda presidia com as suas influições beneficas ao viver d'aquelle par bemaventurado. Uma criancinha vivissima, e linda como os amores, viera pôr cumulo áquella felicidade indizivel.

Theresa ostentava por esse tempo todo o esplendor da sua formosura. Oh! era fascinadora, diabolicamente fascinadora, aquella physionomia accesa em fogo meridional.

Passava o tempo; os gastos do sr. Calveiros iam tomando proporções gigantescas. O matrimonio desviára-o dos seus habitos de restricta economia. As exigencias de Theresa cresciam de momento a momento. Ora, quando um homem no declinar da vida tem a loucura parvoa de se ligar a uma mulher rica de mocidade, de aspirações e de caprichos, é-lhe preciso alimentar esse incendio, sob pena de, mais cedo ou mais tarde, quebrado o encanto que o idealisava, cair na execração e no desprezo.

Os cabellos brancos são um grande titulo para o respeito, mas nunca o poderão ser para o amor.

O provinciano tinha o bom senso de comprehender tudo isto, e era essa a razão de se deixar levar á tona dos appetites de sua mulher. Isto, junto á quebra fraudulenta de um negociante que lhe absorvêra perto de quarenta contos, fez com que a sua posição desandasse horrivelmente. Estabeleceu-se o reinado da parcimonia; cortou-se por todas as superfluidades. Era trabalho baldado. A nau do estado garrava por mares em fóra, e as ancoras com que buscavam aguental-a desfaziam-se inuteis.

Estes contratempos succediam no anno de 1862.

Theresa resentia-se d'aquella mudança inopinada. Afeita ás grandezas, costumada a saciar-se de distracções e de jubilos, o mundo para ella convertêra-se n'um éden risonho e ineffavel. Como poderia abandonal-o? como poderia entrar em decadencia? como rasgar os pés nas brenhas d'este mundo sem as regar primeiro de lagrimas? Era então, n'esses instantes de desanimo e de fraqueza, que ella entrava na sua consciencia para se julgar a si propria — e a consciencia condemnava-a. Lembrava-se de Pedro, do seu passado, d'aquella noite na azinhaga, da carta que elle lhe escrevêra, de tudo, de tudo; e a imagem do marido afigurava-se-lhe repugnante e hedionda; e então sentia horror de si, horror da fascinação que a perdêra, que a fizera esquecer do que devia á santidade d'aquelle primeiro amor.

Um dia o sr. Calveiros disse-lhe:

— Theresa, prepara-te e resigna-te. Ámanhã devem vir penhorar-nos o que ainda nos resta. O destino foi bem cruel para comnosco. Falleceram-me os recursos, perdi o credito, desampararam-me os amigos; bem vês que a ruina é inevitavel. Não é por mim que eu me afflijo, Theresa; é por ti e por nossa filha.

No outro dia, ás onze horas da manhã, a justiça gualdipava com quatro pennadas quanto o provinciano possuia. Theresa assistiu a tudo fria e indifferente como uma estatua. Quando viu levarem-lhe o ultimo movel, quando o ultimo quadrilheiro saíu de casa, foi então que se abraçou á filha, chorando e beijando-a como doida.

O sr. Calveiros passeiava sem dizer palavra.

Decorrêra perto de um mez; como elles viveram n'este entrementes estou que todos o imaginam. Eu é que ponho de parte o quadro, não só porque me apavoram estas situações extremas da vida, mas porque, desde as pinturas de Eugenio Sue para cá, não ha tintas que não sejam risonhas e suaves.

Morel symbolisa o ideal da desgraça.

Uma tarde o correio trouxe ao sr. Calveiros uma carta. Estremeceu ao recebel-a; a letra era de seu filho. Abriu-a trémulamente, leu-a com a avidez de quem espera alguma nova decisiva, releu-a, meditou-a, fechou-a perplexo; não podia arredar os olhos d'aquellas poucas linhas, concentrava alli todo o seu espirito agitado.

A carta dizia o que se segue:

«Meu pae: — Cheguei de Glasgow ha sete dias; sei dos revezes por que tem passado; felizmente, achome em circunstancias de removel-os. Os deveres de filho não me esqueceram no apartamento. Ámanhã irei a sua casa. — *Pedro.*»

De facto, Pedro achava-se na prosperidade. Em cinco annos que vivêra na America alcançára pelo seu trabalho, pelo seu zêlo e pela inteireza do seu caracter, a sympathia do sr. William Reid, commerciante abastado, em cuja casa se accommodára. D'aqui resultou que William, senhor de cabedaes immensos, e cançado do trafego mercantil, resignou em Pedro todo o seu negocio importante. Em menos de um anno o mancebo achava-se na posse de uma casa respeitavel, e desonerado para com o seu antigo patrão de todos os encargos.

A fortuna arrebatava-o nas suas pandas azas.

Dois annos depois partia para Glasgow, possuindo, na opinião dos melhores chronistas de vidas alheias, cento e tantos contos de réis.

Era esta a situação em que ora se apresentava.

Passado o primeiro abalo, o sr. Calveiros entrou a alvidrar o que lhe cumpria fazer em tão emmaranhada conjunctura. Deveria prevenir Theresa? poderia, sem vergonha, acceitar a protecção do filho? E o passado?... o que fará d'elle?... como esquecel-o?... como justificar-se? Acudiu-lhe n'este aperto a *ultima ratio* dos

infelizes; lembrou-se que não havia lei para a necessidade.

Na manhã seguinte Pedro entrava em casa de seu pae.

— Não quiz deixar de os ver, murmurou elle serenamente e com um meio riso, dirigindo-se para os dois, que permaneciam como petrificados; não quiz deixar de os ver. Acho-os devéras abatidos. Meu pae está trinta annos mais velho, e Theresa... perdão, minha senhora, parece-me inteiramente outra; comtudo, é muito nova, muito nova. Oh! o tempo não passa sem nos fazer estragos! Eu tambem estou mudado, não lhes parece? Como se lembram, fui d'aqui ha sete annos — loucuras de rapaz! Dirigi-me á America, trabalhei como um negro; por vida minha, o trabalho não mata. A Providencia pagou-me tudo liberalmente, lembrou-se lá de mim — era uma divida que ainda tinhamos em aberto. Oh! a Providencia não nos desampára, proseguiu elle, dando a estas palavras uma singular expressão de tristeza; tem suas horas de adormecimento, é bem certo, mas de repente acorda, e estende a mão aos que suspiravam por ella, aos que succumbiam na lucta com a adversidade! Mas... vejo que tem uma filha, uma menina, minha irmã... chama-se...

— Helena, balbuciou o sr. Calveiros, sem ousar levantar os olhos do chão.

— Pobre anjo, exclamou Pedro n'um excesso de commoção, pegando na irmã e dando-lhe um longo beijo na face; como tu has de ter padecido!

Depois, como que envergonhado, e tornando á sua tranquillidade apparente, continuou:

— É preciso fallarmos com desassombro; vejo que são infelizes. Aqui não ha córar, nem de orgulho nem de pejo. Os filhos nunca esmolam os paes; pagam o que lhes devem. Além d'isso, eu parto ámanhã para a America; é preciso conciliar hoje tudo.

Em seguida, tirando do bolso uma volumosa carteira, chamou Theresa, afagou-a, e entregou-lh'a, dizendo:

— Toma, Helena, guarda-a para teu dote.

— Nunca! — exclamou Theresa, correndo para a filha e tirando-lhe a carteira que ella amparava com as mãosinhas debeis. Nunca!

— Por quê, minha senhora? Penso que me é licito proceder d'este modo. Quero que minha irmã se lembre algumas vezes de mim; dou-lhe isto para memoria.

Theresa ficou extatica; não teve um gesto nem uma palavra. Aquelle homem imperava alli com todo o prestigio da sua magnanimidade. Era impossivel resistir-lhe, era impossivel tentar a ira justissima d'aquella alma, santa de abnegação e de martyrio.

Theresa percebeu tudo isto n'um relance. A consciencia disse-lhe bem alto o que ella era em face d'aquelle homem, que surgíra como a imagem viva do remorso, para a condemnar sereno e tranquillo.

Minutos depois Pedro saía de casa de seu pae. Ao despedir-se abraçou o velho affectuosamente, beijou a irmã, e apertou a mão de Theresinha — que estava fria como a de um cadaver.

Vinte e quatro horas depois embarcava no paquete do Havre.

A carteira dada a Helena continha dezeseis contos em notas do banco de Portugal.

A impressão que o procedimento de Pedro causou no animo do sr. Calveiros e de sua mulher foi, sem dúvida, o mais vivo e profundo. Tinham semeado desventuras, e faziam basta colheita de felicidades. As sementes nem sempre germinam d'este modo. O bem estava alli todo no terreno, que era feracissimo e abençoado.

Hoje vivem desafogados e na abundancia. Divertem-se, tornaram á convivencia da sociedade elegante, frequentam os theatros, e costumam passar o verão na Ameixieira.

As graças de Theresa reverdeceram de novo, seu marido principia a ostentar a bojuda rotundidade de um abdomen abbacial, e a pequenina Helena, que é, sem questão alguma, o retrato fiel da mãe, vae crescendo a olhos vista, e promette, salvo o perigo das bexigas, vir a ser uma formosura peregrina.

Quando alguem menos discreto, em conversação familiar, puxa o assumpto para Pedro, o sr. Calveiros ladeia sensivelmente, responde por evasivas, e não socega antes de ver o dialogo em terreno menos escabroso. Mas se o preopinante é d'estes que pegam de estaca, se, por maiores que sejam os ardís do provinciano, não deixa de esmiuçar e esbagoar o assumpto, então é Theresinha que costuma pôr-lhe termo com estas palavras peremptorias:

— Pobre Pedro, coitado! Commovo-me sempre que oiço fallar n'esse bom rapaz. Poucos terão comprado tão caro, não digo a felicidade, que essa sabe Deus onde existe, mas a independencia da vida. Coisas do mundo, meu caro senhor! — termina ella com um sorriso contrafeito.

E aqui tem o leitor a historia como realmente m'a contaram, e como eu julgo que ella é na verdade. O que me admira em tudo isto, é saber que Theresinha vive hoje com o marido na mais doce e amigavel harmonia, apesar d'elle ir além dos sessenta annos, e d'ella contar apenas trinta, que é, seja dito francamente, a verdadeira quadra da florescencia mulheril, a edade da vida e das paixões, dos impetos ardentes, dos sonhos voluptuosos, de tudo, em fim, que desvaira o coração feminino, e de que Theresa se tem preservado com uma fortaleza digna, pelo menos, das commemorações mirificas de Ribadaneira.

E. A. Vidal.

DOCUMENTO INÉDITO

É notavel e insuspeito o parecer dado por um conselheiro de Castella, durante a guerra da independencia de 1640, que tem por titulo: *Pediu Filippe* IV *resposta ao dr. Salazar, estando de cama, do que lhe parecia sobre a guerra com Portugal, que lhe deu seu voto pelo seguinte modo.*

Este papel foi escripto depois da famosa batalha do Ameixial, a 8 de junho de 1663, em que as nossas tropas derrotaram o formidavel exercito hespanhol commandado por D. João d'Austria, porque no parecer allude-se a esta batalha.

Voto mais sincero e desenganado não póde haver. É o epilogo dos vexames que recebemos de Castella durante os sessenta annos, escripto por um hespanhol; é o testimunho insuspeito do arrojo com que recobrámos a nossa independencia, e do valor com que a defendemos contra tão poderosos exercitos.

Vemos, porém, que este parecer não teve tanto peso como a espada do marquez de Marialva em Montes-Claros, que poz termo a esta guerra de vinte e oito annos.

Eis-aqui o parecer textual:

«Se conselho pede a afflicção, annos ha, Senhor, que V. M. devia pedir conselho; porque com elle fôra tão facil o remedio, como agora é aspero o desengano. A verdade, sim, nasceu na terra, mas em pobre albergue; não nasceu em palacio a verdade, e uma vez que um santo a levou a palacio, foi tão pouco conhecida, que custou a cabeça ao santo.

«Nenhuma coisa arruina mais uma monarchia que a peçonha de uma lisonja; mais damnosó é um lisongeiro atrevido do que um contrário poderoso e que um inimigo declarado: porque este dá cuidado no solicitar o remedio, e aquelle docemente me entrega ao descuido quando vê que sem redea governa o appetite a razão, a mentira a verdade, e a malicia a pureza.

«Não é justo que um rei dê credito a uma voz que o engana quando deleita e não sôa; quando engana

examine-se o coração d'onde sae; saiba-se o mal d'onde vem, pois ha almas que não tem palavras e ha palavras que saem d'alma. Ordinariamente, não se escuta ao zeloso que desengana, e só o que falla ao gosto do principe se escuta; que vergonhosa se teria a verdade do governo aonde preside o engano. Chora-se o perigo e não se atreve o zêlo; perdeu a graça quem falla na justiça, e tudo goza quem lisonjeia; e ainda agora se não movêra a minha lingua se V. M. não movêra a minha penna. Medrosa vae a razão, porque sae da alma o disvelo; mas não receia a morte quem a seu senhor obedece, e menos eu que estou já no fim da vida. Digo pois assim, meu rei e senhor:

«Quem facilita o que não sabe, não sabe o que facilita. Para ter experiencia de uma nação não basta conhecer o presente, é necessario conhecer o passado para não chorar o futuro. Milagre será acertar a ignorancia aonde muitas vezes não acerta a prudencia. Portugal, Senhor, negou a V. M.; acclamou rei; lisonjeiros facilitam o remedio, e agora covardes se retiram do perigo.

«Esta nação, Senhor, conquistou no Oriente as Indias, jornada que só imaginada escurece o animo para emprehendel-a; dominou barbaras nações; adquiriu com o seu braço muitas coroas; sujeitou com o seu assombro muitos reinos; fez seu nome eterno, não só entre gentios e barbaros, senão no mundo todo. Africa, que provou seu valor, chorou seu estrago, e sempre vive temerosa, pois n'ella se criam os meninos com suas prodigiosas façanhas. Hollanda na America conquistou parte do Brasil com sagacidade, mas ficou sem ganancia porque os sacudiram com violencia, e isto quando o amor não ajudava o poder, que para rei alheio nunca se obrou com valor proprio, e este foi o engano que hoje se chora sem remedio; com o jugo alheio pareciam os leões cordeiros, mas com o jugo proprio, que é suave, parecem os cordeiros leões.

«Castella com tantos reinos, tantos mil homens, e tanto exercicio nas armas, cobrou odio a esta nação, porque de seu primeiro rei até hoje se continúa seu estrago, e o damno passado de edade em edade continúa a inclinação. Ao presente V. M. o tem ouvido com admiração, o tem lido com sobresalto, e quasi o está vendo sem remedio.

«Dormindo estava o valor em Portugal quando o despertou a ambição e a tyrannia executada com ignorancia; por tempo de sessenta annos não póde V. M. adquirir sua vontade, porque os ministros n'esse tempo foram tyrannos; castigo pedia sua demasia, mas criou raizes, porque se dilatou o castigo; as armas estavam esquecidas e reprimidas com a sujeição; as nossas lhe fizeram tomar as armas. Não é esta gente a que se rende com ameaços; mais facilmente a sujeitarão as caricias: se lhe chamarmos rebelde é porque se não determina a razão, é porque se não conhece a justiça, porque nos não ajudâmos do direito, e porque se acode ao successo e não ao christão. A Portugal tambem lhe dão direito os seus letrados; pois por que se não poz esta causa em direito? É verdade que já agora não póde haver juiz n'esta causa, pois ha vinte e dois annos que se solicita com as armas, e melhor aconselha o desengano que a razão; e a razão póde esquecer pelo remedio.

«Senhor, nem tudo dizem a V. M., e um rei ha de saber tudo. O bem sem razão o dizem e calam; o mal escurece-se porque o calam. A saude não se damna com as adversidades, e um rei não desmaia com accidentes, e a um valor grande tudo parece pequeno.

«Dizem a V. M. que Portugal não tem dinheiro, não tem navios, não tem gente. Traidores são os que o dizem. Pois com que nos tem destruido? Sem gente nos tem tantas vezes desbaratado? Sem dinheiro, chorâmos nossa ruina? Que choráramos se o tivera? Portugal desbaratou-nos em Montijo; destroçou-nos em Elvas; Luiz Mendes de Aro fugiu, deixando cavallos, artilheria e bagagem. Em Evora derrotou a flor de Hespanha, o melhor de Flandres, o luzido de Milão, e o escolhido de Napoles, e o melhor da Estremadura. Vergonhosamente se retirou S. Alteza, deixando 8:000 mortos, que custou a empreza 6:000 prisioneiros, 4:000 cavallos e 24 peças de artilheria; e o mais lastimoso foi que de 120 .... e cabos só escapou Herman e D. Diogo Cavalleiro, porque fugiram deixando o estandarte do seu principe. Pois, se nada tem, ha maior affronta que vencer-nos sem nada? Se nada basta para nós, por que buscâmos mais nada? Isto ou é valor ou milagre. Se milagre, é a porfia loucura; se valor, é maior a nossa cobardia, e mais que seu poder a nossa fraqueza. Cada dia espera V. M. que se ganhe, e saiba V. M. que cada dia se perde, e que é muito a perda de cada dia.

«Quarenta mil homens levou o sr. D. João de Austria entre infantes, cavallos e gastadores; levou o maior numero de cabos que póde ajuntar Hespanha, a maior carruagem que póde unir o poder, o maior apparato que póde prevenir a ostentação, a maior artilheria que se viu em exercito de Hespanha, e tudo isto, Senhor, não ficou destruido? Se algumas praças temos suas, mais foi por sua traição que por nossa valentia. Viu-se de tudo mais que 1:500 cavallos e 1:000 infantes? Ha grande n'este reino que não esteja pequeno? Ha poderoso que não esteja a bando? Ha rico que não esteja pobre? e ha pobre que não morra de fome? Em que se consomem os milhões das Indias? Em que se gastam as rendas de V. M.? Aonde se tem morto mais de 500:000 homens se não em Portugal? Sem dinheiro, sem gente e sem navios, atemorisa o mar, vence os exercitos, e até os reis estranhos sustenta!

«Senhor, a minha penna o diz e setecentas viuvas o choram, que despertarão em palacio a V. M. a compaixão. Minha lingua, sem solicitar applausos, sem ministrar lisonjas, sem recear perigos, descobre a V. M. os successos, falla o que sente, e sente muito o que escreve. Se não aproveitam traças, se traidores o descobrem, se os nossos segredos se revelam, se as nossas machinas se desfazem e Deus descobre tudo aos portuguezes, é evidente que Deus assim o quer. Vêem-se os prodigios no ceo; os milagres são claros. Pois não é desatino oppor contra o ceo? V. M. tira para esta guerra a Castella a substancia, a Flandres o soccorro, a Milão a defesa, a Napoles o presidio, ao imperio a saude, e a toda Hespanha o remedio e as esperanças. Já se não podem prover as praças, enfraquece-se o reino, morrem os pobres; França e Inglaterra não podem soffrer inimigo tão poderoso, ajudam com cautela ao necessitado, e se não é amor que tem a Portugal, é odio que tem a Castella.

«Rei e Senhor meu, de uma parte ha de ser vista esta guerra. O ceo mostra que é justa a sua, pois os favorece tanto e tanto; logo, é injusta a nossa. Se não é affronta para Hespanha fazer paz com Hollanda, sendo hereje rebelada, se não desdoira procurar paz com a Gran-Bretanha, se é conveniente fazel-a com França, por que não ha de ser licito fazel-a com Portugal? Se de Hespanha se recusam todos, e Portugal vence a Hespanha, melhor temerão a Hespanha unida com Portugal; mais credito se perde nas armas que no brio; mais se interessa nos casamentos de casa que nos casamentos de fóra.

«Senhor, em nome de todos falla a minha penna. Não se governe V. M. por quem lhe diz o que não sabe, se não por quem sabe o que lhe diz. *Si volueritis et audientis et me ad iracundiam provocaveritis, gladius devorabit vos.* Isto disse Deus, e ás vezes o homem diz o que Deus disse. Elle guarde a V. M. — *Dr. Salazar.*»